

Como citar este artigo:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos . **Valores discursivos do pretérito imperfeito do indicativo no Português**. In: XXXIII Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, 1987, Campinas. Estudos Lingüísticos - XV Anais de seminários do Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo. Santos : Editora da UniSantos, 1987. v. XVII. p. 445-451.

O uso de recursos lingüísticos é regido por razões discursivas, resultantes do intercâmbio entre um eu e um tu, além de outras possíveis e existentes razões fonológicas, sintáticas, semânticas.

Nosso objetivo aqui é a exposição de alguns fatores discursivo-pragmáticos que observamos no uso do pretérito imperfeito do indicativo no Português contemporâneo brasileiro. Por razões de espaço, a exposição será direta e sucinta, omitindo pormenores importantes, bem como o caminho percorrido e os argumentos que levaram a cada conclusão, para só apresentar os valores discursivos da forma verbal em questão e os exemplos.⁽¹⁾

Através da análise de empregos distintos do pretérito imperfeito do indicativo verificou-se que esta forma verbal apresenta o seguinte valor discursivo básico:

(1) O pretérito imperfeito do indicativo se caracteriza por permitir ao falante afastar um processo verbal da realidade (seja este afastamento real ou apenas da perspectiva do falante) e não se comprometer perante o ouvinte em virtude do que diz, afastando de si qualquer responsabilidade pelo enunciado na situação de enunciação.

Então o falante usa o pret. imp. do ind. sempre que deseja ou precisa se afastar (fugir, escapar, ausentar) da realidade ou vê ou quer apresentar um fato como fora da realidade ou não quer (pode) se comprometer perante o ouvinte pelo que diz.

Esse afastamento da realidade não apresenta sempre a mesma intensidade e os usos do imperfeito se distribuem ao longo de um contínuo que representamos na figura 1 abaixo⁽²⁾, onde a linha horizontal representa o contínuo e a vertical o limite-entre os casos de afastamento e não afastamento da realidade, sendo tracejada para indicar que este limite não é bem definido, pois, inclusive, há casos que se situariam neste limite, visto não haver um afastamento notável da realidade, mas permanecer o não comprometimento do falante.

FIGURA 1⁽³⁾

Total afastamento da realidade												Presença da realidade ou não marcação de realidade do processo verbal na enunciação.	
1) Situação de fantasia do faz-de-conta infantil	4) Situação de compra	6) Imperfeito de cortesia	9) Hipótese com condicional	10) Hábito	11) Descrição de cenários lugares, paisagens e situações estáticas	12) Descrições de situações dinâmicas	13) Expressão de um processo que estava em curso em outro quando ocorreu	14) Passado próximo.					
2) Discurso enriquecido	5) O pretérito imperfeito indica um processo em cuja possibilidade o falante não acreditava, mas que efetivamente se realizou	7) Pergunta indireta e delicada	8) Hipótese sem condicional										

* Este trabalho é uma nota prévia ao projeto de tese de doutorado do autor.

Passemos à exemplificação e comentário de cada caso que se terão acidentalmente já dissemos, por razões de espaço.

1 - Situação de fantasia do faz-de-conta infantil

- (2) a - Bruno (9 anos): Vamos brincar de Thundercats?⁽⁴⁾
b - Fabinho, Marcelo, Renato, Flávio: Vamos.
c - Bruno: Eu era o "Laion".
d - Fabinho (8 anos): Não. Eu que era.
e - Bruno: Não. Eu que era. Cê vai ser o "Pantron".
f - Fabinho: Tá bom. Então o "tander-tanque" é meu.
g - Marcelo (10 anos): Eu vou ser o "Taigra".
h - Renato (9 anos): Quem era o Suarí, a Chitara, o "Willie-quite" e o "Willie-quêti"?
i - Bruno: Não. Eles tinham ido viajar. Porque tem que tê o bandido. Quem cê qué sé?
j - Renato: O "Mum-ra".
l - Flávio (8 anos): Então eu era um mutante e ajudava "Mum-ra".
m - Bruno: Então tá. Cês vinham roubar a espada e eu chamava os outros pra ajudar.
n - Renato: Nós atacava a toca. Eu enfeitava os bicho pra ajudá a gente.
o - Flávio: Eu comandava os bicho.
p - Fabinho: Eu defendo com o "tander-tanque".
q - Marcelo: Eu com meu chicote de ficá invisível.
r - Bruno: Então vamos. A toca é no alpendre da minha casa.

(Começa a brincadeira)

Neste uso as crianças planejam brincadeiras em termos de papéis que terão, ações que executarão e fatos envolvidos nas mesmas. Um exemplo interessante deste uso é o da música "João e Maria" de Chico Buarque e Sivuca. O afastamento da realidade é evidente com o pret. imp. do ind. que neste caso pode alternar, de acordo com a montagem discursiva, com as seguintes formas verbais: - a) futuro do pretérito, se para o falante a assunção do papel ou execução da ação, por ele ou por outro é visto como uma hipótese, uma probabilidade perfeitamente questionável pelo ouvinte. O valor temporal é pouco nítido; - b) ir (pres. do ind.) + infinitivo - valor de futuro; - c) futuro do presente - valor de futuro; as formas de b e c têm um efeito semelhante: com elas o falante apresenta como sua intenção a assunção do papel ou execução da ação, mas estas são vistas como algo virtual no "poder ser", admitindo questionamento do ouvinte, embora num grau menor do que o permitido pelo futuro do pretérito. A forma de b revela maior determinação na intenção e portanto o questionamento será mais problemático; - d) presente do indicativo - valor de presente nas indicações de papéis e de futuro nas de ações. Com o pres. do ind. o falante indica que vê a assunção do papel ou a execução da ação como coisa real. Ele assume que a coisa, embora em planejamento, é como se já existisse tão seguro está do que propõe, não aceitando questionamento. Este, se ocorrer, será con-

fituoso.

Essa alternância pode ser perfeitamente comprovada no exemplo (2) e constitui um fenômeno nitidamente discursivo, pois sem ela não haveria diferentes possibilidades de organização do discurso pelo falante.

2 – Discurso onírico: é aquele em que o falante fala de sonhos, de coisas que desejava ser, ter ou realizar na vida, coisas que queria que ocorressem.

(3)– O que você faria se ganhasse na loto ou na esportiva sozinho?

– Doava 45% para as entidades de crianças menores, construa uma casa e viveria em paz, com um dinheiro no banco. (Aluno de 4ª série do 1º grau).

(4)– O que a Senhora faria se chegasse na sua casa e encontrasse um bruta carrão?

– Primeiro eu desmaiava, depois eu ia aprender dirigir e ia passear. (Adulto, 52 anos, Instrução: 4ª série).

(5)– Certo dia, sentado na rede de minha casa comecei a imaginar um mundo diferente: estávamos felizes e havia num ambiente agradável grande quantidade de alimentos e água corrente e límpida, pássaros cantavam nas árvores carregadas de frutos, um rio com uma bela cachoeira, onde nadávamos e pescávamos grandes peixes. Além disso na cidade não havia doenças, nem acidentes.

(Aluno de 8ª série do 1º grau – Trecho de redação: "Um mundo melhor").

Neste caso é sempre possível uma alternância com o futuro do pretérito. Se o falante vir o fato como afastado da realidade usará o pret. imp. do ind., mas se ele o vir apenas como hipotético, provável, possível usará o fut. do pretérito. Quando há uma condicional com o verbo no pret. imp. do subj., há uma tendência, em situações de formalidade, a usar o verbo da principal no fut. do pret. para atender certa exigência da norma culta quanto à concordância dos tempos. Estes valores são os mesmos em outros casos que especificamos adiante.

3 – Pergunta que sugere possível consequência desagradável, negativa, indesejável, que tem como condição fato expresso na pergunta. Todavia a consequência não ocorre porque a condição não existiu ou existe, ou seja, está fora da realidade, daí o uso do pret. imp. do ind.

(6) a - Já pensou se eu estava pelada?

b - Já pensou se ele tinha uma doença no coração?

(6a) poderia, por exemplo, ser dita por uma moça em cujo quarto entrou o rapaz sem pedir licença ou dar qualquer aviso prévio. É como se ela dissesse: "Já pensou que chato seria se eu estivesse pelada e você me visse nua?"

4 – Situação de compra em que se usa o verbo ter para verificar a existência de um produto num estabelecimento comercial. Nestes casos o imperfeito pode alternar com o futuro do pretérito e o pre-

sente do indicativo. Exemplos:

(7) a - Você não teria af um parafuso menor e cromado?

b - Você não tem af um parafuso menor e cromado?

c - Você não tinha af um parafuso menor e cromado?

(8) Comprador: (Será que) Você não tinha af uma lapiseira de 3 mm?

Vendedor: Não. Só tenho de 5 e 7 mm.

Comprador: (Para o cliente a seu lado) É parece que não fabricam de 3 mm. Eu queria para maior precisão no desenho.

O uso de um ou outro tempo neste caso parece ser regulado pelo seguinte: - a) o pres. do ind. seria usado quando o falante acredita que tem o produto que deseja ou a chance de ter é muito grande. Estabelecer-se-ia um compromisso de compra; - b) o pret. imp. do ind. seria usado quando o falante acredita que não tem o produto ou a chance de ter é muito pequena. Para os falantes o imperfeito seria usado nas últimas etapas de uma procura infrutífera. Não se estabeleceria compromisso de compra; - c) o fut. do pret. seria usado quando o falante não tem qualquer crença sobre a existência ou não do produto. Além disso seria usada como uma forma mais polida e de registro mais formal. Talvez se estabeleça um compromisso condicional de compra.

5 - O pretérito imperfeito indica um processo em cuja possibilidade o falante, por qualquer motivo, não acreditava, mas que efetivamente ocorreu. O pret. imp. do ind. af registra a crença do falante na impossibilidade de ocorrência do fato expresso. Exemplos:

(9) Um ano decorrido, Paulo voltava à casa paterna.

(10) Quem podia imaginar que ele dava uma jóia tão cara à irmã. Pois não é que deu!

Em (9), por exemplo, podemos dizer que houve um desentendimento sério entre Paulo e a família e ele saiu de casa para não mais voltar. Face a estes acontecimentos ninguém acreditava numa reconciliação de Paulo com a família, mas "um ano decorrido, Paulo voltava à casa paterna".

6 - O imperfeito de cortesia nada mais é do que um valor derivado do valor do pret. imp. do ind. proposto em (1). Na verdade, a polidez, a modéstia, a atenuação a que a gramática se refere é um efeito secundário, na situação de fala, do valor discursivo básico do imperfeito: colocando o verbo neste tempo, o falante, afastando da realidade seu desejo, querer, pedido ou afirmação, atenua-os, conseguindo não se comprometer no sentido de não fazer sobre o ouvinte uma pressão que este poderia perceber no uso do presente do indicativo e que, por alguma razão, não seria conveniente na situação. Daí a cortesia. Exemplos:

(11) Eu desejava falar com você.

(12) Você segurava minha bolsa enquanto eu telefono?

Aqui o imperfeito pode alternar além do pres. do ind. com o futuro do pretérito.

7 - Pergunta indireta e delicada. Este é um emprego do imperfeito próximo de cortesia que MOURIN - 1959:121, 122 registra e explica mais ou menos como se segue: numa posição ou situação onde se podia ter o presente do indicativo é usado o pret. imp. do ind., revelando dúvida do falante e fa-

zendo da frase uma pergunta indireta e delicada, onde o falante, na dúvida, prefere não se comprometer e coloca a coisa que representa fora da realidade que ele controla. Exemplo:

- (13) a - João disse que você fazia belos calçados.
b - João disse que você faz belos calçados.

8 – Hipótese sem condicional. Este caso é muito relacionado com o caso 2 (discurso onífrico) e com o caso 9 a seguir, pelo valor das formas verbais. Aqui o imperfeito pode alternar com o futuro do pretérito e o presente do indicativo. Exemplos:

- (14) Gostava bem de vir passar o Natal com vocês.
(Aqui não alterna com o pres. do ind.)
(15) Eu estou tão cansado. Eu precisava descansar.
(16) Será que o diretor autorizava estes xerox?

Nestes exemplos, o imperfeito é usado quando o falante acha improvável que o processo expresse venha a ocorrer por alguma razão; com o futuro do pretérito o falante já vê possibilidade de realização do processo, talvez afastando algum empecilho; o pres. do ind. já marca a real possibilidade de realização do processo do ponto de vista do falante.

9 – Hipótese com condicional. Este caso já foi exemplificado no discurso onífrico (Veja exs. 3 e 4). O pretérito imperfeito aparece correlacionado na mesma frase ou no contexto com uma condicional, podendo alternar com o futuro do pretérito. Os valores são os mesmos especificados no item 2 para o discurso onífrico. Vejamos mais alguns exemplos:

- (17) Se ~~ele~~ viesse, eu falava (falaria) com ele.
(18) O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isto virava um fazendão. (Monteiro Lobato - apud CUNHA - 1972:317).
(19) Se não fosse homem eu casava com ele (Isto É - 29/09/82 - pág. 27) (Declaração de João Iglesias sobre Roberto Carlos).

Nos exemplos (18) e (19) foi usado o imperfeito porque, nas situações indicadas pelo contexto, os dois processos eram impossíveis, totalmente afastadas da realidade: em (18) o patrão não tinha chance de ter os meios e em (19) o outro era homem.

Além destes nove usos que comprovam o valor do imperfeito proposto em (1) gostaria de registrar mais um anotado por MOURIN - 1959:123 em que o pret. imp. do ind. oposto ao pretérito perfeito do indicativo, em frases como (20a) indica dúvida ou coisa inconcebível.

- (20) a - Há de ser encontrada viva . . . minha filha não se suicidava.
b - Há de ser encontrada viva . . . minha filha não se suicidou.
c - Há de ser encontrada viva . . . minha filha não se suicidaria.

Com o imperfeito (20a), o falante sugere que tal atitude está fora da realidade possível, fora de cogitação (o pai ou a mãe não aceita o fato). Com o perfeito (20b), o falante admite o fato como real, embora o negue. Com o uso do futuro do pretérito (20c) o falante sugere que a atitude para ele está dentro da realidade possível, embora espere que a atitude não se tenha concretizado.

Infelizmente, repito por questões de espaço, não poderemos comentar os usos do pret. imp. do

ind. registrados na figura 1 sob os números 10 (dez) a 14 (quatorze). Estamos, assim, limitando-nos aqui à exemplificação e ao comentário breves dos empregos do imperfeito que têm a ver com o valor discursivo-pragmático básico que propusemos em (1) para esta forma verbal. Esperamos com isso ter cumprido nosso objetivo nesta exposição, que era fazer uma comunicação de um estudo em desenvolvimento e deixar uma nota prévia que abre o mesmo para sugestões e contribuições.

Uberlândia, maio de 1987.

NOTAS

- 1 - Essa exposição é uma versão reduzida de um estudo do qual a revista *Cadernos de Estudos Linguísticos do Instituto de Estudos da Linguagem-UNICAMP* publicará uma versão mais completa, embora ainda não definitiva. Os interessados em maiores detalhes poderão recorrer a esta versão.
- 2 - A posição relativa de cada caso no contínuo foi estabelecida intuitivamente. Testagens posteriores poderão alterar o que temos na figura 1.
- 3 - A numeração dos casos não estabelece nenhuma hierarquia ou ordenação, visa apenas facilitar a identificação de cada uso do pret. imp. do ind.
- 4 - Este e outros exemplos orais não foram gravados. Mas registrados imediatamente por nós, após ouvi-los. Quando possível reproduzimos o modo como o falante enunciou a frase.

BIBLIOGRAFIA

- CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima gramática da Língua Portuguesa. São Paulo, Nacional, 1976.
- COROA, Maria Luiza Monteiro Sales. "Uma definição temporal para as formas do pretérito" in X anais de seminários do GEL, 10(1), Bauru, Faculdades do Sagrado Coração, 1985: 22-26.
- CUNHA, Celso. Gramática do português contemporâneo. Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1972.
- HERITAGE, John C. "Recent developments in conversation analysis" (Outros dados desconhecidos).
- LAVANDERA, Beatriz R. Curso de lingüística para el analisis del discurso. Buenos Aires, Centro Editor de America Latina, 1985.

LUFT, Celso Pedro. Moderna gramática brasileira, Porto Alegre, Globo, 1976.

MELO, Gladstone Chaves de. Ensaio de estilística da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Padrão, 1976.

MITO, Carlos. "Considerações sobre o presente do indicativo" in Revista de seminários do GEL, 10(1), Bauru, Faculdade do Sagrado Coração, 1985: 16-24.

MOURIN, Louis. "Définition de l'imparfait et du plus-que-parfait de l'indicatif et du subjonctif, et des deux formes du conditionnel en portugais moderne" in Romanica Gandensia VII, GAND (Belgica), Université de Gand, 1959: 105-202.

OSAKABE, Haqira. "Sobre a noção de discurso" in Sobre o discurso (Série Estudos nº 6). Uberaba, Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino, 1979: 20-35.

POSSENTI, Sfrío. "Discurso objeto da lingüística" in Sobre o discurso (Série Estudos nº 6). Uberaba, Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino, 1979: 9-19.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 1981.

WOLFSSON, Nessa. "A alternância do presente histórico na conversação" in Language 55. 1979: 168-182. (Tradução de Ataliba T. de Castilho e Geraldo Caira - UNICAMP).